

cumpro a vontade de Deus e cumpro a minha vocação. Por isso, sugeria aos seus Missionários fidelidade nas pequenas coisas para assegurar a fidelidade nas escolhas mais importantes. Percorrendo a *Vida Espiritual*, percebemos imediatamente quão importante era essa sua convicção. Eis algumas das suas expressões, recolhidas nas conferências, que têm raiz comum na “fidelidade”:

- Os membros do nosso Instituto devem realizar a sua santificação com fidelidade nas pequenas coisas. Que Deus vos faça compreender bem esta lição e vos dê fervor com a sua graça!
- Fidelidade às regras, mesmo as mais pequenas; portanto, observá-las todos, em tudo, até o mais ínfimo detalhe. Cada pequena regra tem em si uma graça de Deus.
- Fidelidade às práticas de piedade feitas em comum, pois na oração feitas em comum há mais bênção de Deus.
- Fidelidade no desempenhar os encargos de cada um: e fazê-los com empenho e desprendimento; não procurar, como a oportunidade tão facilmente se apresenta, a própria conveniência.
- Fidelidade no bom uso do tempo: ocupá-lo inteira e intensamente; empregando nele todas as nossas forças, a nossa vontade e a nossa atitude.

Para a reflexão pessoal

- Como e onde me esforço para viver o “algo mais” de Allamano na minha vida?
- Vivo o “mais” procurando a qualidade das minhas ações ou só as acumulo?
- Acho que o “*nunc coepi*” qualifica as ações do meu dia a dia?



Em 17 de fevereiro de 1926, o jornal de Turim *Il Momento* escreveu: “A vida do Cônego Allamano não se conta pelo calendário, mas pela sua intensidade espiritual, no seu espírito superior, na retidão do seu carácter, no reflexo de um bem realizado e silenciosamente estratificado à sombra do seu amado Santuário. Ele não era um homem de ostentação. Não era um homem eloquente. Era um homem do silêncio laborioso.”¹

A busca da qualidade de vida, o esforço para fazer o bem e, assim, ser «extraordinário no ordinário», o «silêncio laborioso», a energia e o entusiasmo, foram sempre os aspetos característicos do seu estilo de santidade que, dirigindo-se aos seus missionários, qualificou depois como «a nossa santidade». Descobriu este “estilo” abordando em particular a vida e os ensinamentos do seu tio, São José Cafasso. Ele quis fazer seu este estilo, não só porque era condizente com sua personalidade, mas porque foi cuidadosamente estudado, pesquisado e cultivado. Imbuiu-o de virtudes cristãs e fortes referências evangélicas, ao ponto de o tornar característico de toda a sua vida e ministério sacerdotal.

¹ I. Tubaldo, *Giuseppe Allamano*, I, p. 692.

Assim explicava aos aspirantes missionários a frase de Mc 7, 37: «*Fez bem todas as coisas*»: «Estas três palavras [*bene omnia fecit*] mereceriam ser escritas nas paredes das nossas casas e poder ser escritas na lápide da nossa campa quando morrermos: Fez bem todas as coisas».² E explicava como algumas pessoas procuram sempre coisas grandes e extraordinárias, enquanto Deus está presente tanto nas grandes como nas pequenas coisas, por isso devemos ter o cuidado de fazer sempre tudo bem. Os santos são santos não porque fizeram milagres, mas porque *fizeram tudo bem*.

O Fundador sabia que devia pedir aos membros do Instituto algo «mais» e uma maior qualidade de vida, precisamente em virtude da sua vocação missionária específica. Por exemplo, em 19 de agosto de 1917, falando às Missionárias da Consolata, dizia: “Amar mais o próximo do que a nós mesmos. Para um missionário deve haver um mais.”³ Em 16 de novembro de 1916, falando aos missionários sobre a santidade, perguntou: “E o que deve ser esta santidade? maior do que a dos simples cristãos, superior à dos simples religiosos, distinta da dos sacerdotes seculares. A santidade dos missionários deve ser especial, até heroica e, se houver a oportunidade, extraordinária até ao ponto de operar milagres. Continuando a missão dos Apóstolos, a eles deve-se poder aplicar as palavras e as obras de Nosso Senhor Jesus Cristo.”⁴

Ilustrando as virtudes individuais necessárias ao missionário, o nosso Santo gostava de enfatizar o valor de cada uma e qualificá-la como a mais importante. O que lhe interessava era acentuar a sua importância. Um olhar global sobre o seu ensinamento sobre a necessidade de nos tornarmos santos permite-nos compreender duas atitudes complementares deste «algo mais» de que o missionário deve estar equipado.

1. A qualidade

Partindo da constatação de que uma «normalidade» espiritual baixa o tom da nossa vida e a eficácia da nossa evangelização, o IX Capítulo

Geral do IMC apresentava a qualidade de vida como um objetivo a atingir decididamente: «Cremos que, à luz da vida e do ensinamento do Pai Fundador e das exigências da missão, a qualidade é um requisito essencial que deve ser sempre tido em conta em todas as fases da vida do missionário»⁵ (p. 41).

Allamano chamava essa busca por qualidade de vida “a nossa santidade”. Inculcava-a em nós, missionários da Consolata, até se tornar a nossa “fisionomia”. Deve começar, antes de mais, pela busca cuidadosa e escrupulosa de todos os meios que nos ajudem a caminhar decididamente para a santidade, cumprindo bem todos os nossos deveres. Deve, de consequência, influenciar o zelo apostólico, mantendo sempre vivo o «fogo interior».

Fogo, zelo apostólico, ardor, entregar-se completamente pelos outros, eram expressões típicas de Allamano para descrever a atitude indispensável de cada missionário. Para ele, o fogo significava o amor que deve arder dentro de nós e que ele identificou com a expressão paulina «*Charitas Christi urget nos*» [a caridade de Cristo nos impele] (2 Cor. 5, 14). Tudo nasce do amor: “É preciso ter tanta caridade até ao dom a vida. Nós, missionários, dedicamo-nos a dar a vida pela salvação das almas. Amar o próximo mais do que a nós mesmos deve ser o programa de vida do missionário.”⁶ Sem este amor não teríamos a realidade, a substância do homem apostólico, e todas as nossas reflexões seriam simples atos académicos e as resoluções tomadas permaneceriam letra morta.

2. A fidelidade e o “*nunc coepi*”

Uma atitude que o nosso Santo aconselhava também aos seus missionários para cultivarem a sua vocação era viver intensamente e bem cada dia e cada momento como o “*nunc coepi*” [agora recomeço]. De facto, o tempo da nossa existência desenrola-se momento após momento, dia após dia. O passado já não existe, o futuro ainda não existe, só me resta o presente para eu realizar a minha existência: devo vivê-lo bem, dando sentido a tudo o que faço, certo de que assim

² *Tudo pelo Evangelho*, n. 5.

³ *Conferências MC*, II, p. 124.

⁴ *Conferências IMC*, II, p. 81.

⁵ *Atos do IX Capítulo Geral IMC*, p. 41.

⁶ *Vida Espiritual*, 461.